

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 21 - número 42 - outubro 2012

vol. 21 - número 42 - outubro 2012

Fundação Eng. António de Almeida



mente humana razão política, esta mais bem conhecida, e de efeitos deletérios mormente para a metafísica. E já agora, e mais problemáticamente: o que responder a idêntica pergunta no campo da ciência? Sem querermos, nem podermos, acrescentar nada ao que tem sido feito e dito, sobre esta última, por exemplo por U. Baldini, por H. Leitão, por L.M. Carolino ou por B.M Mota, quer-nos parecer que, no tocante à filosofia, um horizonte possível de resposta deverá passar por examinar e estudar atentamente o chamado eclectismo. No nosso artigo em italiano supra citado, e a propósito de Luis António Verney e de um ponto preciso do seu labor (algo assim como um ‘case study’), apontávamos esta corrente como uma das causas possíveis para a improdutividade histórica da filosofia que se fazia nas nossas fronteiras ou pela que era feita por portugueses além-fronteiras. Ora, quando J.P. Gomes opta por identificar as mais interessantes produções jesuítas como “eclécticas” (v.g. p. 160), ficamos com o seguinte dilema, que não saberíamos neste momento responder: ou esta caracterização da produção jesuíta é provisória e estudos mais profundos e aturados ajudar-nos-ão a torná-la mais fina e apurada ao ponto previsível do seu abandono – no que seria uma consistente atitude assaz digna da metodologia apenas aberta por J.P. Gomes – ou restar-nos-ia considerar aquela situação filosófica como inconsequente, verdadeira ou historicamente improdutiva e justificadora de uma qualquer intervenção regeneradora. Ou, e seria afinal um trilema, o nosso entendimento do eclectismo é pobre; mas, nesta hipótese, o encontro de ambos os lados da barricada que se digladiavam com armas nem sempre elegantes, forçar-nos-ia a uma explicação mais espartilhadora de tal movimento filosófico até ao ponto crítico do seu esboçamento. Não é que isso nos pareça mal, longe disso, mas seja qual for a resposta que vier a ser dada, uma só coisa é certa: ela só pode acontecer depois de termos sabido ser fiéis à silenciosa metodologia que J.P.Gomes praticou. É esta, decididamente, a memória que os organizadores desta oportuna selecta quiseram comemorar e pela qual deverão ser efusivamente cumprimentados.

Mário Santiago de Carvalho

OSWALD SCHWEMMER, *Das Ereignis der Form. Zur Analyse des sprachlichen Denkens*, München, Wilhelm Fink Verlag, 2011, 160pp.

Uma das premissas filosóficas fundamentais que atravessam a extensa obra de Oswald Schwemmer reflecte-se, mais uma vez, neste livro, a saber: a constatação da actividade simbólica do ser humano não deve desembocar numa mera análise mecanicista dos fenómenos que dela decorrem, já que é graças à contingência dos processos de mediação que são estabelecidos os nexos expressivos entre linguagem e interlocutores. Este trabalho da expressividade é, em rigor, uma condição necessária para a edificação da referencialidade do signo, mormente para a sua

ligação a contextos de experiência. Uma reflexão filosófica sobre a intermutabilidade entre forma e expressividade já tinha sido aventada por Schwemmer em várias das suas obras. O que distingue o presente livro do filósofo da cultura é, sobretudo, o facto de ter recuperado o diálogo entre a filosofia cassireriana (*Form*) e o pensamento heideggeriano (*Ereignis*), iniciado, de modo bem explícito, nos estudos sobre o famoso debate de Davos (1929) entre os dois filósofos alemães (Enno Rudolph & Dominic Kaegi [Hrsg.], *Cassirer – Heidegger. 70 Jahre Davoser Disputation*, Cassirer-Forschungen Band 9, Hamburg, Felix Meiner Verlag, 2001). Com este acoplamento entre *Form* e *Ereignis*, pretende o autor ultrapassar os obstáculos teóricos impostos pelas concepções internalistas e externalistas do pensamento linguístico, principalmente aquelas que se centram no primado das dimensões morfossintácticas da linguagem. É na articulação entre os elementos performativos e os elementos proposicionais das formas linguísticas que Schwemmer encontra um ponto de partida para a análise entre linguagem e pensamento. O “gesto” – elemento performativo na configuração dos actos discursivos – traz à reflexão a coexistência de um duplo movimento de exteriorização e incorporação do sentido mediado pela palavra, cuja fundamentação filosófica pode ser, por exemplo, vislumbrada na concepção heideggeriana da discursividade da “mão” (*die Hand ist in einem mit dem Wort die Wesensauszeichnung des Menschen*). O conceito de “forma” serve ao autor para dar consistência teórica à articulação entre os elementos performativos e os elementos designativos da linguagem, uma vez que a formação do sentido – tal como se define no pensamento cassireriano, e ao qual Schwemmer permanece fiel – não é dissociável do papel activo das estruturas sensíveis. Assim, a expressão *Ereignis der Form* deve ser compreendida como nomeação do processo que está na base dessa articulação. Um dos exemplos a que Schwemmer recorre para mostrar o processo de acoplamento entre *Form* e *Ereignis* é o de uma interacção familiar, cuja comunicação entre pais e filhos põe em relevo certos nexos de sentido, que, ancorados num jogo de percepções e de gestos afectivos, apresentam uma morfologia contextual, e, na distinção do autor, fazem parte da esfera “contingente” da significação (*kontingente Bedeutung*), pois a esfera “designativa” da significação (*designative Bedeutung*), embora nunca excluída dos processos de comunicação, deixa de ser o âmago da articulação dos conteúdos partilhados pelos interlocutores. É sob esta distinção que Schwemmer enceta uma crítica ao *Tractatus* de Ludwig Wittgenstein. Uma fundação expressiva da relação entre linguagem e pensamento não é redutível a uma análise positivista dos “factos linguísticos”, quer esta seja realizada a partir das estruturas sintácticas da linguagem ou através de uma pretensa adequação lógica entre linguagem e mundo. Segundo a crítica incisiva do autor, a filosofia do *Tractatus* – assente num referencialismo designativo – redundava em uma *Digitalisierung avant la lettre* (p. 52) das formas linguísticas. O estrato filosófico que envolve esta crítica personalizada nas primeiras concepções wittgensteinianas da linguagem, não subentende somente uma mera refuta-

ção das teses positivistas, mas antes intenta alicerçar a ideia estruturante (tantas vezes esquecida pela análise das formas de mediação) de que a construção e a actualização do sentido comunicativo têm de ser concebidas como operações que põem em jogo várias dimensões polimórficas do sentido. De facto, e como bem exemplifica Schwemmer através da análise de uma configuração poética do autor alemão Stefan Popp, a relação entre pensamento e linguagem traz consigo vários campos semânticos extra-linguísticos, cuja pertinência teórica importa analisar e incluir no estudo sobre as formas de mediação. É desse modo, também, que o gesto – como metáfora representativa do *Ereignis* – pode continuar a ser visto como interpretação activa e simultânea da palavra, e não escassamente como sua manifestação passiva.

Joaquim Braga